



4726 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E PERCEPÇÕES DE GÊNERO PARA JOVENS MULHERES ESTUDANTES DE UM CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA DE SÃO BORJA/RS
 Aline Adams - INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
 Nara Vieira Ramos - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E PERCEPÇÕES DE GÊNERO PARA JOVENS MULHERES ESTUDANTES DE UM CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA DE SÃO BORJA/RS

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como as jovens estudantes do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Farroupilha – *campus* São Borja percebem as dimensões do feminino e do masculino e a influência dessas questões em relação a sua formação profissional. As principais referências teóricas são Bourdieu (2003), De Conto (2012), Auad (2003), Birolí (2018), Garcia (2015), Perrot (2015) entre outras. O método de pesquisa é qualitativo e a abordagem é feita pelo estudo de caso. A técnica de coleta de dados consistiu em pesquisa de opinião realizada com 38 jovens estudantes do curso técnico em informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha no mês de julho de 2017. O tratamento dos dados foi feito por meio de análise de conteúdo. Nos resultados verificou-se que o curso possui maioria de estudantes meninos e que, apesar do trabalho desempenhado pelo Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual do *campus*, as estudantes pesquisadas mantêm discursos e práticas que segmentam e dividem a organização social por gêneros.

Palavras-chave: juventude feminina, percepções de gênero, divisão sexual do trabalho

1 Introdução

Este artigo traz alguns resultados da pesquisa realizada durante o Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Maria. A investigação, que foi finalizada em outubro de 2018, teve como objetivo analisar como se estabelecem as relações entre as jovens estudantes do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) *campus* São Borja em razão da divisão sexual do trabalho. Neste artigo, trazemos algumas considerações sobre como as jovens estudantes deste curso percebem as dimensões do feminino e do masculino e a influência dessas questões em relação a sua formação profissional.

O IFFAR é uma instituição de ensino que pertence à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, ofertando cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores e trabalhadoras, cursos técnicos de nível médio (presenciais e a distância) e cursos de graduação e pós-graduação, objetivando a verticalização do ensino. Uma das suas unidades é o *campus* São Borja, que atualmente conta com diversos cursos, entre eles dois técnicos integrados ao ensino médio (Técnico em Informática e Técnico em Eventos).

O município de São Borja é conhecido como “Primeiro dos Sete Povos das Missões” em razão da história de sua fundação pelos jesuítas da Companhia da Jesus (RILLO, 1982, p. 3). Além disso, a cidade também hoje é conhecida como “Terra dos Presidentes”, em razão da história política brasileira – os presidentes Getúlio Vargas e João Goulart são naturais do município e hoje seus restos mortais estão lá enterrados.

São Borja é uma cidade marcada fortemente pela divisão sexual do trabalho e pelas representações do “gaúcho”, como o homem forte, másculo, viril, rude e da “prenda”, como a mulher esposa, mãe, cuidadora do lar e da família. Essas representações, embora estejam em constante modificação, ainda fazem parte do imaginário popular e da forma como se constituem os homens e mulheres no município. Desde tenra idade os meninos são incentivados às atividades ligadas ao masculino, ao campo, ao tradicionalismo, enquanto esse espaço é limitado para as meninas (DE CONTO, 2012, p. 138-140).

Apesar da igualdade entre homens e mulheres estar aumentando no mundo do trabalho, ainda prevalece uma divisão silenciosa de profissões – e de cursos de formação, portanto – por gênero. Assim, é visível a procura das mulheres por cursos em que o “cuidado” e a “proteção”, típicas da identidade do gênero feminino, estejam presentes, como a pedagogia e a enfermagem. Enquanto isso, cursos em que imperam as questões de lógica, matemática, força e raciocínio ainda são predominantemente ocupados por homens, como as engenharias em geral.

No IFFAR, *campus* São Borja há muito que se ouve informalmente pelos corredores o discurso de que “as meninas cursam eventos porque é mais fácil de entrar”, já que o meio para ingresso na instituição é o processo seletivo meritocrático. Efetivamente a procura pelos cursos de informática e eventos no processo seletivo é diferente, sendo que ao longo dos anos o curso de informática sempre teve maior relação de candidatas/vaga[1]. O *campus* São Borja, portanto, é marcado pela polaridade nos cursos de ensino médio integrado à educação profissional entre “ciências exatas” e “ciências humanas”.

Além disso, por meio dos dados obtidos no Setor de Atendimento Pedagógico do *campus*, pudemos observar formalmente aquilo que visualmente já é latente, ou seja, o número de estudantes meninas matriculadas em ambos os cursos é efetivamente oposto (tabela 1). Vejamos:

Tabela 1: Quantitativo de estudantes matriculados nos cursos técnicos integrados ao ensino médio no ano de 2017

conforme o gênero:

Ano/Turma	Curso de Eventos		Curso de Informática	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
1º ano/10	3	30	32	9
1º ano/11	10	22	23	13
2º ano/20	6	14	20	5
2º ano/21	5	18	16	10
3º ano/30	3	24	12	6
3º ano/31	3	18	14	5
Total	30	126	117	48

Fonte: As autoras

Como se pode observar na tabela 1 acima, em nenhuma das turmas analisadas do curso técnico em informática há predominância e sequer paridade das meninas em relação aos meninos. Isso ocorre em sentido oposto no curso de Eventos - inclusive de uma forma mais veemente. Também informalmente os estudantes meninos que optam pelo curso de eventos relatam que sofrem relativo preconceito por estarem em um curso "feminino", tendo sua orientação sexual costumeiramente questionada.

A metodologia adotada teve como base epistemológica o feminismo e se desenvolveu por meio de pesquisa empírica. O método de pesquisa foi qualitativo e a abordagem feita pelo estudo de caso. A técnica de coleta de dados consistiu em pesquisa de opinião realizada com 38 jovens estudantes do curso técnico em informática do IFFAR no mês de julho de 2017. O tratamento dos dados foi feito por meio de análise de conteúdo.

2 Como se aprende a ser menina?

A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do IBGE (2013) indica que no Brasil 51,4% da população total é feminina, o que representa uma média de 103,5 milhões de mulheres. Já no segmento juvenil, a pesquisa realizada pelo Observatório participativo da Juventude (BRASIL, 2014) indicou que a divisão de sexo é na proporção de 49,6% de homens e 50,4% de mulheres, um montante bastante semelhante ao da população geral brasileira.

Além disso, o IBGE também verificou que as jovens mulheres acima de 15 anos apresentam uma taxa de analfabetismo menor que a dos homens (9,8% no sexo masculino, enquanto 9,1% no sexo feminino), o que indica que as meninas frequentam em maior número os bancos escolares e que permanecem também por mais tempo.

Essa afirmação é comprovada pelo fato de que o PNAD de 2013 indicou que do total de 173,1 milhões de pessoas com mais de 10 anos de idade, 9 milhões de mulheres possuem mais de 15 anos de escolarização, enquanto nos homens esse número chega a somente 6,5 milhões. Já com relação às profissões escolhidas por essas jovens, no que diz respeito às áreas universitárias, o IBGE revelou que a "Educação" (83%) e "Humanidades e artes" (74,2%) são a maioria das áreas escolhidas por aquelas que possuem mais de 25 anos de idade - áreas, essas, que a pesquisa também apontou serem as com menores rendimentos mensais médios das pessoas ocupadas (R\$ 1.811,00 para a Educação e R\$ 2.224,00 para as humanidades e artes).

Inegável que fatores históricos, sociais e culturais influenciam na nossa percepção atual sobre as profissões que são vistas como femininas e masculinas. Assim, não há como se falar em juventude feminina, educação profissional e divisão sexual do trabalho sem debater as percepções das jovens pesquisadas sobre o que é ser mulher e sem discutir o movimento feminista e sua luta histórica pelos direitos das mulheres. Escrever sobre as mulheres, portanto, é dar-lhes um local onde nunca estiveram presentes na história: o de protagonistas.

O universo acadêmico tem vivido uma situação bastante peculiar nos últimos anos, que é a introdução da perspectiva de "gênero" nas mais diversas pesquisas realizadas. Os estudos que antes eram feitos em populações consideradas "homogêneas", sem distinção entre homens e mulheres, hoje ganham novas definições. Não se nega mais a necessidade de enfoque de gênero no desenvolvimento de políticas públicas e, para isso, cada vez mais há a necessidade de direcionamento de pesquisas e estudos envolvendo essa área.

Contudo, apesar dessas questões, ainda parece que utilizar a palavra "gênero" seja mais suave ou menos perigoso do que falar em "feminismo" ou "feminismos", no plural, remetendo aos mais diversos modelos e vertentes do movimento. Conforme Auad (2003, p. 13) o termo feminismo é considerado por algumas pessoas como ultrapassado e distante porque parece que a mulher já encontrou seu espaço, já que "trabalha fora" e algumas ocupam inclusive cargo de chefia. A autora ainda esclarece que é comum a associação do feminismo a uma imagem de mulheres que detestam homens, que queimam sutiãs, que querem dominar o mundo detendo todo e qualquer poder, bem como que se trata de um grupo de mulheres feias, mal amadas e que não arrumam marido. Mas feminismo não é nada disso.

Para Garcia (2015, p. 11) essa associação acontece porque as pessoas

desconhecem o que é o feminismo e todas as suas realizações, mas talvez a mais realista seja a de que essas pessoas foram "desinformadas", pois o feminismo ao longo de sua história foi alvo de campanhas que fizeram com que a população de modo geral acreditasse que o feminismo era um inimigo a combater e não que segundo a época e a realidade de cada país existiram e coexistiram muitos tipos de feminismo com um nexo comum: lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos.

Assim, o movimento feminista não se constitui de um único traçado na história, como também não pode ser reconhecido a partir de uma única fala ou de um único sentido. O feminismo não é uníssono, é plural. Isso porque possui múltiplas e diferentes vertentes, inclusive contrapostas.

Alguns conceitos foram utilizados pelos diferentes movimentos feministas ao longo do tempo para embasar suas lutas. **Androcentrismo**, por exemplo, é a consideração do homem como a medida de todas as coisas, ou seja, ao masculino é atribuída a representação da humanidade.

A visão androcêntrica do mundo decide e seleciona quais fatos, acontecimentos ou personalidades são notícias, quais serão a primeira página e a quem ou a que dedicar o seu tempo e espaço. Essa visão também decide quem explicará diante dos microfones, quem dará a chave dos acontecimentos (GARCIA, 2015, p. 16).

Dentro desse contexto, o **sexismo** é considerado o conjunto dos métodos utilizados dentro do patriarcado para manter as mulheres em situação de inferioridade, exploração e subordinação. Um exemplo de sexismo, segundo ainda Garcia (2015, p. 19) é a educação dividida por sexos “que tem oscilado entre ensinar as meninas unicamente a costurar e a rezar até a proibição de ingressarem na universidade ou de exercerem certas profissões.”

O sexismo fica evidente na resposta de algumas estudantes pesquisadas quando perguntadas sobre o que compreendem ser mais característico das mulheres fazerem. As respostas giram em torno das questões relacionadas com o cuidado da casa, dos filhos, da beleza, além de clichês como fazerem fofoca, fazerem compras ou falarem mal dos homens. Algumas meninas elencaram como resposta às profissões possíveis do universo feminino, como trabalhar com artesanato, serem professoras ou atuarem na área de humanidades. Algumas respostas dentro dessa lógica são as seguintes:

R1: *Ser dona de casa, porém não concordo com isso, mas é o que acho característico.*

R2: *Normalmente elas são donas de casa.*

R3: *Se unirem pra conquistar algo, cuidar do lar e dos filhos*

R4: *Ter uma produção de beleza e cuidarem da casa.*

R5: *Cuidarem de casa, por mais que eu não ache isso 100% certo.*

R6: *Trabalhos que envolvam matérias de humanas e coisas similares.*

R7: *No meu caso, as mulheres são donas de casa, trabalham para sustentar a família e cuidam das crianças. Elas são tudo, com base no meu grupo familiar.*

R8: *Darem a sua vida para cuidar dos filhos, pois eles precisam muito mais da mãe do que de qualquer outro familiar. E sustentar a casa, se não, só cuidar da sua vida.*

R9: *Cuidar da casa, cuidar do filho, ser dependente do marido, não trabalhar no pesado.*

R10: *Limpar a casa porque tu não vê um "homem diarista". (sic)*

R11: *Geralmente serem taxadas como exclusivas donas da responsabilidade "cuidar dos filhos e da casa" e, às vezes, as mesmas praticam o machismo com si mesmas, ou aceitam suas situações, se conformam.*

R12: *Algumas lutam para seus direitos com toda sua garra, outras ficam de frescura como eu não vou fazer tal coisa por que vou quebrar minha unha, transmitindo fragilidade ao homem.*

R13: *Serem vulneráveis aos homens, mas isso vai mudar.*

R14: *Se irritarem facilmente e serem boas em fazer várias coisas ao mesmo tempo.*

R 15: *Na sociedade atual as mulheres estão conquistando muitos cargos, que se dizia só de homens no trabalho. Mas é certo que as mulheres tem mais capricho em relação ao lar.*

Essas respostas traduzem aquilo que se costuma chamar de estereótipos de gênero, ou seja, quando associamos um determinado comportamento às pessoas só porque são homens ou mulheres, meninos ou meninas. “As exceções nos mostram que não é da natureza nem das mulheres nem dos homens se comportarem todos da mesma maneira. Afinal, se fosse o cromossomo Y que definisse que os homens não podem chorar, talvez pessoas do sexo masculino nascessem sem capacidade de produzir lágrimas.” (LINS et al, 2016, p. 16).

Nesse sentido, a perspectiva de “gênero” reivindica para si um espaço específico para explicar as diferenças entre homens e mulheres. Assim, “a categoria gênero é polissêmico e seu delineamento encontra-se envolto em polêmicas; apesar disso, observa-se certa unanimidade em aspectos que se caracterizam como: o reconhecimento do caráter histórico, social e cultural da construção de papéis, identidades, e valores atribuídos a homens e mulheres e internalizados através de processos de socialização.” (MATOS, 2017, p. 46)

Contudo, nem todas as estudantes pesquisadas reproduzem os papéis de gênero historicamente esperados para as mulheres. Algumas delas rompem com essa lógica e reconhecem outras possibilidades para caracterizar o que seria representativo para as mulheres.

R1: *Acredito que cada pessoa, independente de seu gênero, tem áreas de afinidade, então é impossível dizer que há uma área de trabalho, estudo, etc. mais característica das mulheres.*

R2: *Eu acho que atualmente as mulheres estão fazendo de tudo, aos poucos, estão conquistando seu lugar na sociedade. No mercado de trabalho, por exemplo, as mulheres assumem as mais diversas profissões.*

R3: *A maioria das mulheres "mais velhas" tiveram poucas oportunidades, e aceitaram os afazeres que tiveram... sem buscar evolução, pois acreditam que mulher tem que cuidar da casa, crianças, etc... então, esse passado reflete na opinião de algumas atualmente, e elas crescem não acreditando no seu potencial para "fazer coisas que não são para mulheres".*

R4: *O que elas quiserem.*

Tal postura dessas estudantes parece refletir aquilo que se costumou chamar de quarta onda do movimento feminista, que vem ocorrendo nessa última década. Alguns autores trabalham na perspectiva que os novos movimentos que tem acontecido especialmente nas redes sociais formariam essa quarta onda. Nesse aspecto é que se trabalha com a ideia de que não há um feminismo ou um único movimento, mas muitos feminismos, diferentes Connell e Pearse (2015).

A quarta onda do movimento feminista é atribuída às tecnologias, principalmente a internet, que disseminaram, inclusive em certo tom de rebeldia, as discussões sobre os padrões normativos de feminilidade, de natureza feminina e de

questões relacionadas ao papel dos gêneros (ROCHA, 2017, p. 56). A partir dessa nova onda passou-se a questionar, substancialmente, os estereótipos sociais do ser homem e mulher e essas discussões chegaram mais fortemente à juventude feminina ligada às redes sociais. Nesse sentido, a inserção das mulheres no ciberespaço contribuiu para o seu empoderamento, num espaço que anteriormente era ocupado quase exclusivamente pelos homens.

“O ciberfeminismo compreende-se tanto pela inserção/participação de ativistas do movimento social feminista, quanto por pessoas que não detêm o conhecimento prévio da temática.” (ROCHA, 2017, p. 64) Esse espaço, objetivou atrair mais jovens, desconhecedoras da causa para esclarecer os conceitos e temas do movimento. Nesse sentido, as estudantes pesquisadas afirmam usar a internet de casa (71,1%), para obter informações (76%), para acessar às redes sociais (63,2%), em mais de três horas diárias (73,7%).

Importante salientar ainda, que talvez essa postura diferenciada das estudantes seja não só a forte atuação da quarta onda do movimento feminista, mas também da posição institucional de promover o debate e o respeito às diversidades de gênero.^[2] Contudo, apesar de algumas jovens romperem com os paradigmas de gênero, a manutenção da heteronormatividade parece ser ainda um padrão para as estudantes pesquisadas.

Esclarece-se que **heteronormatividade** decorre da ideia de que há um comportamento obrigatoriamente másculo para aquelas pessoas que nasceram com pênis, estabelecendo uma conduta que deveria ser mimética do gênero com o corpo (NOGUEIRA e COLLING, 2015, p. 357). Assim, a naturalidade seria o modelo heterossexual, familiar e reprodutivo, que impõe violência real e simbólica a todas aquelas pessoas que rompem essas normas.

Na fala das jovens sobre o que seria característica dos homens, essa marca de heteronormatividade aparece de forma muito clara nos papéis de gênero. Ainda que haja dissidências, a maioria (re)afirma como características masculinas de força, trabalhos fora de casa, o sustento do lar, as profissões “masculinas” e a forma desrespeitosa como tratam as mulheres.

R1: *Tratarem as mulheres como objeto.*

R2: *Não pensar no que fazer.*

R3: *Jogar futebol.*

R4: *Trabalhar em firmas, ser empresário.*

R5: *Falarem das mulheres.*

R6: *Falarem sobre as mulheres.*

R7: *Jogar futebol (as mulheres também jogam) mas os homens infelizmente tem mais espaço para isso.*

R8: *A manutenção de uma casa, por exemplo.*

R9: *Ser motorista.*

R10: *Sustentarem a casa.*

R11: *Trabalho pesado.*

R12: *Normalmente eles trazem o sustento para casa.*

na maioria não saber respeitar as mulheres de forma como elas merecem.

R13: *Trabalhar para o sustento da casa.*

R14: *Assim como as mulheres, fazem muitas coisas, mas acho difícil encontrar uma grande maioria de homens donos de casa, por exemplo.*

R15: *Os homens de certa forma tem mais cargos que mulheres em relação ao trabalho, eles abrangem vários cargos, e alguns cuidam da família e da casa também.*

R16: *Ter a pose de defensor de mulheres como se elas não pudessem se defender sozinhas.*

R17: *Trabalharem.*

R18: *Trabalhos que envolvam matérias de exatas e coisas similares.*

R19: *Sustentar a família.*

R20: *Cuidarem de seus filhos e sustentar a casa, se não, só cuidar da sua vida.*

R21: *Sustentar a família, trabalhar no pesado.*

R22: *Serem os machões, os gostosão machistas que acham que mulher é que nem piso molhado que ficam só passando o rodo. (sic)*

R23: *O que eles quiserem.*

R24: *Aliviarem seus cargos com suas casas, famílias e nomearem-se como autoridades perante sua família/esposa. Geralmente sem mínimo apoio a esposa, dizendo já ajudar financeiramente.*

R25: *Os homens acreditam no seu potencial para fazer tudo, porém existe um certo machismo encrustado na sociedade que faz alguns deles acreditarem que é "vergonhoso fazer coisas de mulher"... hoje em dia não se vê muitos homens ajudando nos afazeres da casa, ou a cuidar da família. geralmente eles estudam e trabalham fora, enquanto as mulheres fazem isso.*

R26: *O que eles quiserem.*

R27: *Se acharem superior.*

R28: *Mandarem a mulher só criar os filhos e cuidar da casa e muitas vezes dizer que a mulher não faz nada sendo que uma delas deu a vida a ele.*

R29: *Tudo.*

R30: *Se acharem superiores em relação as mulheres.*

R31: *Serem imaturos e brincarem com tudo.*

Foram descartadas as respostas “não sei” para esta pergunta e apenas uma jovem rompeu com os padrões de gênero aduzindo não haver uma característica específica para os homens. Ela disse:

Acredito que cada pessoa, independentemente de seu gênero, tem áreas de afinidade, então é impossível dizer que há uma área de trabalho, estudo, etc. mais característica dos homens.

Essa resposta dissonante das demais provavelmente está inserida num contexto de expectativa dessa jovem – e também talvez de leituras em estudos de gênero, já que historicamente se vê efetivamente a reprodução desses padrões patriarcais na sociedade. No município de São Borja, por exemplo, é forte a influência do machismo e dos estereótipos de masculinidade do “gaúcho”, conforme os estudos da tese de De Conto (2012, p. 141).

Diante disso, é possível afirmar que o modelo tradicional de homem, em São Borja, incide na representação do gaúcho rude, viril, bravo, valoroso e na identidade pampeana de um centauro guerreiro que defendeu a mais disputada fronteira (Brasil e Uruguai, Brasil e Argentina) do país. A esse homem coube um papel de poder e de dominação ainda maior do que de homens de outros estados ou municípios do país. Nesse contexto, historicamente, o homem aparece como guerreiro destemido, o iniciador e mantenedor da ordem e da segurança, desprovido de luxos e vaidades. É o homem do campo que respeita as tradições locais, é o provedor da subsistência da família.

Assim, essas jovens reproduzem os conceitos de patriarcado, que é considerado de definição múltipla dentro do feminismo, já que está em constante transformação (MIGUEL, 2014, p. 19). Para esse autor, o mais adequado seria falar em **dominação masculina**, um termo debatido e difundido por Bourdieu (2003) em obra homônima.

Para Bourdieu:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem legitimidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres (2003, p. 18).

Para Bourdieu a violência simbólica é “suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (p. 08). Por essa concepção, o autor compreende que o poder impõe significações como legítimas, de forma que a biologia e o corpo seriam espaços onde a desigualdades entre homens e mulheres seriam naturalizadas. Bourdieu, assim, critica a ideia de que a diferença biológica entre os corpos masculinos e femininos possa ser vista como uma justificativa natural da diferença que foi construída socialmente.

Nesse sentido, Bourdieu não se deteve a trabalhar especificamente com o conceito de gênero, já que não era o objetivo do seu trabalho. Quando se fala em gênero feminino e, portanto, sobre o que é ser mulher entendemos que se vai além da característica biológica de possuir vagina e aparelho reprodutor feminino, já que se trata de uma construção social não só de papel, mas de identidade.

Assim, quando perguntadas sobre o que é ser mulher, as estudantes pesquisadas estabeleceram relações de força, responsabilidade, conquistas de direitos, sexo biológico e identidade de gênero, além de algumas manifestações tradicionais (quadro 1).

Quadro 1 - Pergunta: “O que é ser mulher para você?”

Grupos de respostas	Respostas
Força, resistência, diferença	<i>É arrasar.</i>
	<i>Viver sem se importar com a opinião alheia.</i>
	<i>É ser diferente.</i>
	<i>É lidar o tempo todo com linhas pequenas.</i>
	<i>Um ser humano capaz de tudo como qualquer outro.</i>
	<i>Ser guerreira.</i>
	<i>É difícil.</i>
	<i>Ser mulher é ser forte, independente, carinhosa, amorosa com seus filhos e marido, mas não se submeter a mal tratos vindos de seu marido ou outros. ser mulher é suportar o mundo nas costas, mas não chorar para não demonstrar fraqueza. É ser o sexo mais forte que existe, pois suportamos muito mais coisas que qualquer outro tipo de pessoa.</i>
	<i>Pra mim é ser guerreira é ter o seu objetivo de vencer na vida e não ter o pensamento bobo de que mulher é atrás de uma pia lavando a louça cuidando do filho, claro que ter um filho é bom mas não se prender na ideia de que mulher é só isso.</i>
	<i>É para cuidar da casa mulher pra mim é muito mais do que isso.</i>
<i>Ser forte, independente, destemida, trabalhadora.</i>	

	<p><i>Ser mulher é ser forte, determinada, persistente, pois as mulheres precisam lutar por aquilo que elas querem.</i></p> <p><i>É ser guerreira.</i></p> <p><i>É não deixar homens lhe desprezarem e lhe rebaixarem, é ser feliz do jeito que quiser, com quem quiser.</i></p> <p><i>É ter responsabilidade.</i></p> <p><i>Mulher significa grandes responsabilidades com a sociedade.</i></p> <p><i>Ser mulher é ter que arcar com mais responsabilidades e consequências.</i></p>
Responsabilidade	<p><i>Gosto de ser mulher, sei que posso e devo lutar para ser o que eu quiser, poder gerar uma outra vida em meu ventre e ser chamada de "mãe" no futuro me alegra. Apesar de significar, também, arcar com grandes responsabilidades durante toda a vida, 'poder' ser alvo de machismo, assédios constantes e extrema falta de respeito. Ser mulher também é ser menosprezada às vezes até mesmo por familiares/amigos.</i></p> <p><i>É poder se orgulhar dos direitos conquistados até aqui e lutar a cada dia por menos machismo e desigualdade de direitos.</i></p> <p><i>É ter a força de lutar a cada dia pela a igualdade e justiça.</i></p>
Conquistas de direitos	<p><i>Ser mulher é cientificamente apenas nascer com o sexo feminino, porém, as minhas definições particulares de "mulher" são as seguintes: independentes, lutadoras, inteligentes, versáteis, livres... pra mim, você é uma mulher quando descobre dentro de sua feminilidade o desejo de evolução na sociedade, e busca por igualdade, lutando para conquistar o que quer.</i></p> <p><i>Pertencer ao sexo feminino.</i></p>
Sexo biológico	<p><i>Ser mulher para mim é nascer com o órgão sexual feminino.</i></p> <p><i>É se identificar com o gênero feminino no conceito cultural de mulher, mesmo que seu corpo não corresponda a isso.</i></p>
Identidade de gênero	<p><i>De forma biológica é nascer com o órgão genital feminino. Mas para ser mulher precisa se reconhecer assim, querer ser.</i></p> <p><i>Se identificar como alguém do sexo feminino.</i></p> <p><i>Se sentir e identificar como mulher.</i></p> <p><i>Pra mim é só um gênero.</i></p>
Manifestações tradicionais do papel de gênero feminino	<p><i>É fazer do mundo um lugar mais "suave".</i></p> <p><i>É ser cuidadosa, atenciosa, prestativa...</i></p> <p><i>Ser mulher é cuidar da família e acima de tudo lutar para estar onde quiser.</i></p> <p><i>É ser uma pessoa amada e respeitada.</i></p>

Fonte: A autora

Chama atenção que, ao contrário do que é representativo no papel de gênero feminino - e que as jovens disseram que é característico das mulheres fazerem - quando perguntadas sobre o que é ser mulher parecem ter trazido as respostas para sua vida pessoal e cotidiana, razão pela qual entendem que a questão está relacionada com a força feminina e com as responsabilidades que as mulheres precisam ter. A concepção de que as mulheres são "guerreiras", "fortes", "destemidas", "trabalhadoras" vai de encontro ao que tradicionalmente se aduz como papel feminino, mas parece ter relação com a própria vida das jovens e de suas famílias. Um exemplo disso é que quando questionadas sobre a escolaridade de seus pais e mães, no somatório entre ensino médio completo, ensino superior incompleto e ensino superior completo, 39,5% dos pais possuem essa escolaridade em contrapartida aos 55,2% das mães.

As mães, então, em número muito superior ao dos pais buscaram elevação da escolaridade, além de trabalharem fora de casa (apenas duas mães têm como ocupação "do lar"), o que pode inferir que o exemplo que as estudantes possuem em suas famílias são de mulheres trabalhadoras, guerreiras e responsáveis. A ideia de cuidado estabelecido pelas mulheres, como responsáveis pela ótica privada das famílias e pelo serviço doméstico não remunerado talvez também seja uma implicação da ideia de responsabilidade e força atribuída pelas estudantes. Essas mães, que são trabalhadoras e possuem nível de escolaridade mais alto, são também as responsáveis pela organização da casa, dos filhos e das tarefas do lar.

Nesse sentido

A posição de maior vulnerabilidade das mulheres no casamento, que não se esgota nos aspectos socioeconômicos, mas guarda relação estreita com estes, também pode ser associado a um quadro mais amplo de desigualdades. A decisão de sair de um casamento pouco satisfatório tem custos diferenciados para mulheres e homens. É algo que se agudiza nos casos de violência doméstica - o que colabora para explicar porque muitas vezes as mulheres voltam para casa e para relacionamentos, mesmo após terem sido agredidas e violentadas. Dados os arranjos correntes, as chances de alcançarem algum tipo de independência financeira são reduzidas por sua posição de responsável pelo trabalho doméstico e pelos cuidados cotidianos dispendidos com quem está na posição de dependente incontornável, como crianças, pessoas com necessidades especiais e idosos. Dessa perspectiva, acumulam-se desvantagens no cotidiano de um sistema que pune quem assume um trabalho necessário, mas desvalorizado. É um quadro que se torna mais complexo quando se levam em consideração a dependência das crianças em relação aos adultos e os valores associados à maternidade. (BIROLI, 2018, p. 72)

Historicamente os lugares ocupados por homens e mulheres dentro da sociedade se dividiram não só pelas tarefas definidas a cada um dos gêneros, dentro do espaço privado das relações domésticas e familiares, como também pela profissão ou ocupação exercida por cada um deles no espaço público. Assim, a divisão sexual do trabalho tem como características à destinação das mulheres à esfera reprodutiva enquanto que dos homens à esfera produtiva em

simultaneidade à ocupação pelos homens das funções com valor social agregado muito forte, como os do âmbito público (KERGOAT, 2009, p. 67).

Dessa forma, a divisão sexual do trabalho parecer ser ainda um importante mecanismo existente no curso técnico em informática pesquisado. A fala das jovens incluídas nesse estudo reforça os estereótipos de gênero feminino e masculino, ainda que eventualmente de forma sutil e não direta. Assim, elas parecem estar submetidas à violência simbólica tratada por Bourdieu, em que a submissão e subordinação das mulheres não é latente ou explícita, mas ancorada em paradigmas sexistas provenientes de uma cultura machista, como é o caso do município de São Borja-RS.

3 Considerações finais

Podemos observar que as jovens estudantes pesquisadas são de uma camada privilegiada da população, já que 100% delas apenas estudam e o fazem no IFFAR porque acreditam no ensino técnico de qualidade que a Instituição oferece, bem como na possibilidade de seguirem seus estudos em nível superior. Elas, que são menos da metade do total de colegas meninos, não reconhecem os mecanismos estruturais do machismo e da misoginia que envolve a sociedade como um todo, apesar de em suas falas ficar demarcado o discurso hegemônico heteronormativo e sexista.

É bem verdade que a escola em que estudam possui um Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) que desenvolve as políticas de igualdade de gêneros, bem como promove ações para discutir o papel da mulher na sociedade - e talvez por essas informações já comporem o rol de conhecimentos formais das estudantes, bem como o discurso do "politicamente correto", seja mais difícil assumir e reconhecer o universo que as rodeia.

Para reduzir a desigualdade quantitativa entre meninos e meninas no curso técnico em informática pesquisado parece importante que a escola busque meios de, durante o processo seletivo, atrair mais meninas como candidatas ou, talvez, que haja políticas de inclusão de gênero com ações afirmativas. Além disso, qualitativamente parece ser necessário ampliar e intensificar os debates em torno da igualdade de gêneros e do rompimento dos padrões heteronormativos impostos pelo patriarcado e absorvidos subjetivamente pelas estudantes.

Referências

AUAD, Daniela. **Feminismo**: que história é essa? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: síntese de indicadores 2012. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Diretoria de Pesquisas Coordenação de Trabalho e Rendimento Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2013.

_____. Secretaria Nacional da Juventude. **Portal da Juventude**. Estatuto da Juventude. Brasília, 2014c. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/estatuto>>. Acesso em 19 jul 2018.

_____. Decreto n. 5.154 de 23 de julho de 2004. **Regulamenta o § 2º do art.**

36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Presidência da República Casa Civil, Subchefia para Assuntos_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>. Acesso em: 21 jul. 2018

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

CONNELL, Raewyn. PEARSE, Rebecca. **Gênero**: Uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

DE CONTO, Janete Maria. **Representações sociais da mulher em situação de violência doméstica e familiar no contexto sócio-histórico de São Borja/RS**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018**. Santa Maria-RS, 2014.

_____. **Resolução CONSUP 023/2016**. Altera a redação, reorganiza os títulos e inclui o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual na Resolução CONSUP 015/2014, que dispõe sobre as Ações Inclusivas da reitoria e dos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. Santa Maria-RS, 2016.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (org). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 67.

LINS, Beatriz Accioly et al. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Gênero: categoria/perspectivas e constituição do campo historiográfico. In: TAMANINI, Marlene et. al. **Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

NOGUEIRA, Gilmaro. COLLING, Leandro. Homofobia, heterossexualismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. In: COLLING, Ana Maria. TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2015.

ROCHA, Fernanda de Brito Mota. **A quarta onda do movimento feminista**: o fenômeno do ativismo digital. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). 2017.

ROSA, Marcella. **Guia prático do feminismo**: como dialogar com um machista. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2016.

RILLO, Aparício. Silva. **Sa?o Borja em perguntas e respostas**: monografia histo?rica e de costumes. Colec?a?o tricentena?rio, n. 2. Sa?o Borja: Argraf, 1982.

[1] A título de informação, foram obtidos dados de ingresso no processo seletivo de 2016, dando conta que naquele ano para o Curso de Eventos houve 96 inscrições homologadas em contrapartida às 177 do Curso de Informática, quase o dobro. São ofertadas 60 vagas para cada um dos cursos, razão pela qual o número de acertos no processo seletivo para o ingresso no Curso de Eventos em geral pode ser menor.

[2] No Plano de Desenvolvimento Institucional do IFFAR (PDI-2014-2018) estão disponíveis os princípios norteadores das ações inclusivas, entendendo-se como inclusão a garantia de acessibilidade, de acolhimento, de permanência do/da estudante na instituição de ensino e o acompanhamento do egresso no mundo do trabalho. Alguns núcleos compõe a Coordenação de Ações Inclusivas (CAI) da instituição, entre eles o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS), presente em todos os *campi* da Instituição. Com intuito de proporcionar mudanças de paradigmas sobre a diferença, mais especificamente sobre gênero e heteronormatividade, o NUGEDIS objetiva oportunizar espaços de debates, vivências e reflexões acerca das questões de gênero e diversidade sexual, na comunidade interna e externa, viabilizando a construção de novos conceitos de gênero e diversidade sexual, rompendo barreiras educacionais e atitudinais na instituição, de forma a promover inclusão de todos na educação. A criação e institucionalização deste Núcleo para todo o IFFAR ocorreu em 2016 por meio de Resolução do Conselho Superior da Instituição (Resolução CONSUP 023/2016)